

(Conferência realizada pelo Dr. Raul Gomes, no "Centro de Letras do Paraná, em homenagem à memória de Emiliano Pernetta).

Antigo discípulo de Emiliano Pernetta, amigo dedicado e incondicional, admirador definitivo e profundo, consocio obscuro na criação desta casa, sinto-me feliz por esta possibilidade de falar sobre a sua irradiante personalidade, ora festejado como o poeta de Curitiba.

Embora me faltassem engenho e arte para o cometimento, concentrei-me no objetivo desta solenidade e aqui estou roçando vossa benevolência, minhas senhoras e meus senhores, para me ouvir atentamente esta exposição sobre o artista de ILUSÃO e SETEMBRO.

"Les morts vont vite" — diz o prologo francês. Mas em relação ao cantor do IGUAÇU, seus contemporâneos empreenderam a tarefa de desmentir o ditado gaulês. E por isso, para nós paranaenses, sua memória se não evanesceu depressa. Sua presença se nos torna cada vez mais viva através de sua poesia insuperável e das reminiscências de sua atividade polimorfa, com um conteúdo imperecível, ensinando-nos a conciliação entre a estética e a elegância e o devotamento à pulcritude do ideal da arte pela arte, da eterna beleza e da elevação espiritual.

Para evocarmos-lo, na espiral de sua evolução de uma existência plenamente vivida, trabalhando, à moda de Platão, sua própria estatua, cabe-nos uma referência a seu tempo, não pelo sortilegio da máquina de o explorar como no romance de Wells, porém, pelo poder de suas lembranças biográficas e do depoimento sereno da história.

Nasceu Emiliano quando a guerra do Paraguai já durava mais de dois anos. Lamentou-se-lhe a infância, embora num berço felicíssimo e amoroso, dentro do nervosismo daqueles trepidantes dias de beticosidade.

Até a tuba dos nossos poetas vibrou pelas nossas quebradas, convocando os moços para o voluntariado.

Marcar-se-iam os anos subsequentes de acontecimentos notáveis e subversivos da tranquilidade interna, vinda do vintênio posterior a pacificação nacional. Agitavam-nos para adotar novos rumos políticos e sociais.

Da terminação do conflito, saíram impopulares seus dois triunfadores: Pedro II e Caxias.

Aquele se senilizara, ferido de terrível enfermidade consuntiva. Este encerrava sua carreira militar, depois de colher os louros imarcescíveis das vitórias espetaculares da DEZEMBRIADA e do feito imortal da Marcha do Fianco, com a debandada do resto das tropas de Poiano Lopes, completamente desmoralizadas, para a invia sertania das Cordilheiras.

Cansado o Brasil de suportar a mania, debilitada pelo seu apego ao escravismo, entrava de se exagitar de novo, arrebatado pela poesia heroica de Castro Alves e pela ação da mocidade acadêmica, empreendendo a campanha da abolição. Como sobrepêso, explode nos ares, e nica com a percução inabastável de uma bomba atômica, o celebre manifesto republicano de 1870.

Embora, de uma timidez incrível em face da lepra da escravidão, acenava com uma solução adequada para nossos males políticos.

E começaram a se arregimentar consideráveis forças propugnadoras das novas instituições.

Súbito se abre uma brecha na pasmaceira da rotina dos dois partidos que faziam o rodízio do poder. E aparece, exuberando de vitalidade e energia lutadora, uma entidade atrevida, a facção dos republicanos, a única de programa radicalmente oposto às das agremiações antigas.

Assim se entrosam os dois ideais reformadores do Brasil: da extinção da chaga negra e o da implantação da república.

Desde muito criança, sentia Emiliano o influxo rebelde dessa ambiência efervescente e convulsionada.

Nas escolas, nas ruas e nos folguedos, estrugia o evangelho rebelião. E não tarda se lhe envolver nos esforços de propaganda dos dois movimentos.

Comparece a comícios. E ali emociona os ouvintes. Experimenta-se-lhe a pena em artigos de jornais.

Ingressa na Faculdade de Direito de São Paulo. Ali se inflama ao calor da obra libertadora e republicana dos estudantes.

Sob as arcadas do centenário convento de São Francisco, ressoa ainda o eco

## EMILIANO - O HOMEM, O AGITADOR E O ARTISTA

das vozes candentes do Poeta do Navio Negro, da oratória nascente de Rui, do verbo helênico de Joaquim Nabuco, das lições inesquecíveis de José Bonifácio, o Moço, o ídolo da juventude de sua época.

Emiliano estremece de entusiasmo. E nas suas sucessivas férias nos rincões nativos, conspira em prol da libertação dos africanos, consumindo nisso as sobras de sua mesada e até parte do acervo de sua herança paterna.

Participa de todas as reuniões em recinto fechado ou nas praças em favor da emancipação e da democracia.

Faz assim todo seu curso numa atmosfera altamente impregnada de agitação e vibração ideológica.

Tudo lhe ricocheta sobre a sensibilidade atiladíssima. E empolga-se pelo trabalho tenaz para erradicação da ignominiosa escravidão e de um trono contra o qual contávamos mais de trezentos anos de lutas cruentas.

Culmina-lhe essa formação psicológica e social de um rebelionismo intrépido, este episódio sintomático e significativo: Recebe o diploma de bacharel em São Paulo quasi à mesma hora da proclamação da república na sala nobre do Palácio da câmara municipal da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

A esses traços como acentuados ao fragor de longas campanhas, acrescentem-lhe a irreligiosidade.

Depara-se-nos ele, desde a juventude, como autêntica criatura do grande século XIX, o século de Deus da máquina, o século do surto espantoso da ciência, o século terrível e temido da mais insólita negatividade.

Ele mesmo, nos giza, num soneto de Músicas (1888), — VAS REVOLTAS (pág. 150) a sua inquietação diante dos problemas insondáveis da eternidade e da fé:

Este pode, é feliz, se a cólera o domina,  
Se a dor o punge e vence em doido desespero,  
Rebelar-se e gritar contra a força divina  
De um deus que é onipotente e é horrível e é fero.

Pode irônicamente erguer-se contra a sina,

Dizer que Deus é mau e é pior do que Nero,  
Que Ele mais do que o rei teve a fome canina

Dos horrendos painéis — o velho Deus austero!

Mas eu contra quem posso arremessar a queixa,  
As minhas mágoas vãs, esta febre intranquila,

Agonia cruel, que há tanto não me deixa?

Contra quem? a não ser contra mim mesmo, creio,

Contra este inútil ser, destrutível argila,  
Até que volte ao pó, ao mesmo donde veio!?

Trazendo em si, o sangue de três raças tristes e crédulas dos mistérios do mundo natural e do sobrenatural, também não se acha liberto totalmente da superstição e do terror divino.

Confessa-no-lo, trêmulo e atormentado, no seu MEDO DO INFINITO (pág. 171, MÚSICAS):

Sobre a montanha estava em certo dia.  
Era quase ao morrer do sol... de frente,  
Dos lados, aos meus olhos se estendia  
A vastidão do lúgubre horizonte.

Infinito aos meus pés, tremendo, eu via,  
Infinito por sobre a minha frente,  
E a verdade a fugir-me à luz sombria,  
A pavorosa luz do sol poente...

Súbito um mêdo veio-me... esmagado  
Até quase à loucura deslustrado,  
Fico, imóvel, suspenso, aflito, aflito...

Que não há medo que enlouqueça tanto,  
Como a indizível contorção de espanto,  
O extraordinário Medo do Infinito!

Instalada a república, arrastou-o o turbilhão da política e das complicações seguintes. E nomeado oficial de gabinete do governo Estadual. E toca-lhe, com mais alguns cidadãos, elaborar uma reforma do ensino.

Dura pouco sua estadia aqui. Em 1890, está no Rio de Janeiro. Ali encontra-se com Olavo Bilac do qual se verá dupla-

mente afastado, por ser florianista e pela sua vigorosa participação da revolta estética do simbolismo contra o parnasianismo situacionista e poderoso.

Imerge na boemia da vasta geração literária da época. Participa, instigado pela sua sociabilidade, das estroinices da "jeunesse dorée carioca". Salienta-se-lhe pelo ardor nas noitadas irreverentes da mocidade. O Rio desvaira nos tentáculos irresistíveis do encilhamento. E Emiliano acompanha as loucuras da sociedade fácil de então, cheia de dinheiro, alucinada de gozos.

Assistira, dêse geito, à derrocada dos mais sólidos e intocáveis tabús da nossa comunhão social:

Extinguira-se a escravidão sumariamente, arrastando consigo a nossa arrogante aristocracia rural. Abalara-se-nos o capitalismo incipiente, devido aos desmandos do inflacionismo. Despenhara-se o câmbio das alturas dos 28 para os destroços dos 5 dinheiros. Separara-se a igreja do estado, declarando-se leigo, êste.

Nenhum valor antigo resiste e sai incólume dêse terremoto.

Impera o reinado do prazer. Mas per meio êle, o poeta não está satisfeito. Passa irrequieto e nervoso. E afoga suas máguas no álcool. Entra num período lútilento. Aparenta um materialismo pavoroso. Fica em silêncio nos domínios da arte, como sofrendo uma gestação de mais de um lustro.

Registro aí apenas uma impressão como todos teriam ao estudá-lo nesses transe. Em verdade, si da boca para fora preconizava os princípios daquelas correntes nihilistas, por dentro continua seu drama, o drama da dúvida, o drama de incerteza. E certamente, fervem-lhe no ímo as lavas ameaçadoras dum vulcão.

Incrementam-lhe a atividade arrasadora preocupações de sua consciência. Nutrem-na influências etnológicas das crenças do africano, do religiosismo fanático do lusitano e do feiticismo cósmico do índio.

Afundara-se demasiado no horror da geena de uma vida de dissipação, de vício, de descontrolo.

Fidando gravissimamente enfermo, volta os olhares para os pagos distantes. E a ele vem de torna viagem, abalado na saúde, ferido em sua personalidade, profundamente combatido.

Numa de suas produções de SETEMBRO, quíça feita naquela época, denominada ÚLTIMA VOLÚPIA (pág. 92) murmura emotivamente:

As vèzes, junto a mim, uma pálida imagem

Chega, e vendo-me triste, a lágrima a fulgir

Nos olhos, donde já voou tôda a coragem,  
Faz o gesto de quem me mandasse partir...

E eu de pronto obedeço a ordenação. Que a espada

Corte e faça rolar, entre jogos florais,  
Esta cabeça, pois. Nada me importa, nada.  
Não me defenderei. Eu não combato mais.

Mas que não seja aqui, fora da natureza,  
Que tenha de cair sob o golpe fatal;  
Seria uma tristeza, infinita tristeza,  
Acabar, como um clown, em pleno carnaval!

Todos os animais, quando é chegada a hora

Suprema de partir para a estranha região,  
Quer seja ao pôr do sol, quer ao romper d'aurora,

Demandam, por instinto, o horror da solidão...

Êste, pelo sombrio e espesso vale anseia,  
Aquele desprezando o caçador mendaz,  
Ao galho seco atinge, e ao cêrro nu se alteia,

Onde possa dormir o último sono em paz.

Todos fogem. Ninguém, onde já foi um forte

E soberbo animal, quer revelar após,  
Na máscara senil e ferrenha da morte,

O espasmo de pavor e a hediondez feroz.  
Enquanto a mim, conheço um simples logarejo

Ermo, onde o sol de inverno é um vinho de prazer,

E uma fina volúpia, e um exquisito beijo,  
Longo beijo de amor, que faz adormecer...

Como seria bom, nesse ermo que procuro,

Ver o sono descer mais doce do que a luz,  
Como se fosse um manto inconsútil e puro,  
Caindo sobre mim, sobre os meus ombros nus...

Eu sentiria, então, ao fundo do horizonte,  
Fugir-me a vida, como uma vela sutil,  
E um ósculo pousar de leve em minha fronte,  
Ósculo virginal dessa manhã de Abril...

E morreria, assim, sem tremores de febre,  
Sem assombro, nem dor, sem queixa, nem pesar,  
Como há tempos eu vi succumbir uma lebre  
Sobre êsse feno, e aí nesse mesmo lugar!

Esse simples logarejo era-lhe a cidade natal, a sua, a nossa deliciosa e bem amada Curitiba.

Por êsse tempo não passava de uma aldeia, sem calçamento, com luz apenas recém-inaugurada, muita lama, muito sapo e muita casa de taipa e rótulas.

Mas nela, reinava paz. E esta formava o anelo supremo do poeta, subjugado por uma crise tremenda.

Voltando-lhe ao regaço carinhoso, espostado, malferido, assolado de enfermidade, ainda vencido do álcool, prognosticava-se-lhe um fim próximo.

Ao contrário, embora ainda atravessasse alguns anos lúridos e cruéis, opera-se-lhe a recuperação progressiva até, nos fins do primeiro lustro do século, emancipar-se definitivamente de todas as suas fraquezas.

Vindo para aqui em 1896, só em 1898, segundo a cronologia de Erasmo Pilotto, retoma o contacto com a literatura.

Até mais ou menos 1912, prossegue a luta introspectiva do poeta.

Adivinha-se-lhe o tormento. Fere-se aí, com inusitada e terrível intensidade, a medonha batalha entre Deus e o Diabo, entre o espiritualismo e o materialismo, entre a dúvida e a afirmação.

Percebemo-lo sob as garras truculentas de uma revolta e de uma indignação vinda do fundo de seu ser.

Nêsse instantes de aflição confessa:

Tantas vèzes, bem sei, e eu ouço, quando cismo,  
Meu coração bater depressa, não nego,  
Mão invisível tem-me salvo, a mim, um cego,  
Rolando como se rolasse num abismo.

Babilônias de horror, e montanhas de lodo,

E tôres de Babel, sangrentas como lava,  
Eu mais afoito do que um jovem deus,  
mais doido,

Eu passei sem saber por onde é que passava...

Sorrindo pelo ar, miraculosa e a esmo,

Tudo pode abrandar, os ventos, e a mim mesmo,

Por um prodígio enfim que eu não explico, ateus!

... Donde veio essa mão nervosa, que me arranca

Dos abismos do mal, a Mão ideal e branca,

A mim, que nem sequer mais acredito em Deus?...

(Ilusão, 1911, pág. 18.)

Na CANÇÃO DO DIABO, uma das jóias de sua arte decadista, o poeta, descreve a tentação de Belzebut e em seu quarteto final conta:

"Olhei. Brilhava-lhe na frente

A estrela de ouro da manhã.

Como num límpido horizonte!

Eu serei teu irmão, Satan! (Ilusão, pg. 24).

(Continua)